



DUAS DE LETRA

GRUPO DE LEITORES DA BIBLIOTECA

FACULDADE DE PSICOLOGIA | INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE DE LISBOA

Maio 2020

GUIA DE LEITURA

O Velho que Lia Romances de Amor– Luís Sepúlveda



LUIS SEPÚLVEDA

Biografia: Luis Sepúlveda (Ovalle, 4 de outubro de 1949 – Oviedo, 16 de abril de 2020) foi um romancista, realizador, argumentista, jornalista e ativista político chileno. Residia ultimamente em Gijón, em Espanha, após viver entre Hamburgo e Paris. Em 1970 venceu o “Prémio Casa das Américas” pelo seu primeiro livro *Crónicas de Pedro Nadie*, e também uma bolsa de estudo de cinco anos na Universidade Lomonosov de Moscovo. No entanto só ficaria cinco meses na capital soviética, pois foi expulso da universidade por “atentado à moral proletária”, causado, segundo a versão oficial, por manter contactos com alguns

dissidentes soviéticos. De regresso ao Chile é expulso da Juventude Comunista, adere ao Partido Socialista Chileno e torna-se membro da guarda pessoal do presidente Salvador Allende. No golpe militar do dia 11 de setembro de 1973, que levou ao poder o ditador general Augusto Pinochet, Luís Sepúlveda encontrava-se no Palácio de La Moneda a fazer guarda ao Presidente Allende. Membro ativo da Unidade Popular chilena nos anos 70, teve de abandonar o país após o golpe militar. Viajou e trabalhou no Brasil, Uruguai, Paraguai e Perú. Viveu no Equador entre os índios Shuar, participando numa missão de estudo da UNESCO. Sepúlveda era, na altura, amigo de Chico Mendes, herói da defesa da Amazônia, dedicando-lhe *O Velho Que Lia Romances de Amor*, o seu maior sucesso. Na Nicarágua integrou as brigadas sandinistas. Emigrou, por fim, para a Alemanha, onde viveu por 14 anos e casou pela segunda vez, com Margarita Seven. Depois de separar-se, mudou-se para Paris e depois para Gijón, onde reencontrou sua primeira mulher, a poetisa chilena Carmen Yáñez, e viveu o resto de sua vida. A 29 de fevereiro de 2020, foi diagnosticado com COVID-19, tornando-se o primeiro caso diagnosticado com a doença nas Astúrias. O caso foi notado de forma particular em Portugal, pois o escritor havia participado poucos dias antes no festival literário "Correntes d' Escritas", na Póvoa de Varzim, que teve lugar entre 18 e 23 de fevereiro. A 16 de abril de 2020 o escritor morreu vítima da doença.

Sinopse de *O Velho Que Lia Romances de Amor*:

O Velho que Lia Romances de Amor, publicada em 1989, narra a aventura de António José Bolívar Proaño, protagonista desta história e aficionado leitor de romances de amor, que tem como pano de fundo a América do Sul, mais concretamente um local chamado El Idílio. António Proaño, personagem principal da obra, é apresentado como um homem simples, no entanto, profundo conhecedor da floresta amazónica, local onde se refugiou e aprendeu a sobreviver com os xuar e indígenas após a morte da sua esposa. O enredo adensa-se quando começam a surgir cadáveres de pessoas e animais, presumivelmente atacados por um predador, uma onça. É António Proaño quem - sozinho, após uma expedição falhada levada a cabo pelo administrador da aldeia, consegue abater o felino, embora lamentando-se da desigual luta que opôs um animal a um humano fortemente armado.



Luís Sepúlveda. O fim das histórias

1949-2020

Cláudia Sobral claudia.sobral@newsplex.pt

SOL



Na última entrevista que concedeu ao SOL, Nuno Ramos de Almeida perguntava-lhe se era autobiográfica uma das histórias de Patagónia Express: a de um avô que dava refrescos ao neto, para que tivesse vontade de urinar e depois lhe dizer que o fizesse à porta da igreja. E Sepúlveda respondia, entre risos: «Sim, sou neto de um andaluz anarquista e quando era muito pequeno a grande diversão do velho era dar-me de beber Fantas e Coca-Cola até que eu lhe dizia: ‘avô tenho que fazer xixi’. E ele respondia-me, vamos ali a uma igreja. E quando os padres saíam a protestar por eu estar a fazer junto à parede da igreja, muitas vezes, o meu avô, andava à pancada com eles».

Luis Sepúlveda não era apenas um escritor por tantos querido, aquele do qual o seu «amigo, colega e admirador» Santiago Gamboa escrevia na quinta-feira no El País, recordando-o, na hora da morte, que «os leitores não queriam apenas lê-lo, mas tê-lo como convidado para jantar nas suas casas, em cada dia das suas vidas». O «contador maior», com as histórias que a escritora Lúcia Jorge descreveu num depoimento à Porto Editora, responsável pelas edições da totalidade da sua obra em Portugal, como «jóias preciosas» coroando a sua «singular arte de contar», que crê nascidas de uma «experiência de vida vivida no fio da navalha».

Vamos então a essa vida do escritor chileno que, no regresso às Astúrias, onde vivia, depois de em fevereiro ter participado no Correntes d' Escritas, na Póvoa de Varzim, foi diagnosticado com covid-19. Doença à qual, internado no Hospital Universitário Central de Astúrias desde então, acabou por sucumbir na quinta-feira, aos 70 anos.

Nascido em Ovalle, no Chile, a 4 de outubro de 1949, Luis Sepúlveda começou a escrever quando frequentava ainda o Instituto Nacional de Santiago, influenciado, segundo a biografia disponível no site da Porto Editora, por uma professora de História. Filho de uma enfermeira com origens mapuche e de um comunista proprietário de um restaurante, cedo Sepúlveda começou a formar uma consciência política que haveria de o levar a militar no no Exército de Libertação Nacional do Partido Socialista. Antes disso, com apenas 15 anos, ingressou na Juventude Comunista do Chile, da qual acabaria expulso quatro anos depois.

Estudou na Escola de Teatro da Universidade do Chile, da qual viria a estar à frente enquanto diretor, antes de se ter formado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Heidelberg. A sua passagem pela Alemanha, aonde rumou em 1982, e pelos 14 anos seguintes, teve como motor a sua paixão pela literatura alemã. Fez-se militante ecologista, trabalhou durante cinco anos como correspondente da Greenpeace.

No seu país, ainda durante a década de 1970, havia sido membro da Unidade Popular. Com a tomada do poder por Augusto Pinochet viu-se forçado a deixar o país e durante anos viveu entre o Brasil, o Uruguai, a Bolívia, o Paraguai, o Peru e o Equador, entre os shuar, numa missão da UNESCO, experiência que viria tornar possível a história de O Velho Que Lia Romances de Amor. A luta política não a travou apenas no seu país: chegou a integrar, a partir de 1979, as fileiras sandinistas da Brigada Internacional Simon Bolívar, no combate à ditadura de Anastácio Somoza, na Nicarágua. Foi depois da vitória sandinista que se fez jornalista.

Mas já aí se havia feito escritor. Com Crónicas de Pedro Nadie, o primeiro, editado em 1970, venceu o Prémio Casa das Américas e uma bolsa de estudo na Universidade Lomonosov, em Moscovo, onde não duraria contudo mais do que cinco meses. Foi expulso por «atentado à moral proletária».

Foi ativista, jornalista, realizador e argumentista, mas foi através dos livros e das histórias que chegou ao mundo que ontem dele se despediu.

Foi na década de 1990 que começou a conquistar o lugar de escritor querido em países como Portugal, mas não só. Momento seminal para o seu sucesso no continente onde passaria os 23 anos que seriam os últimos da sua vida (em Gijón, nas Astúrias, para onde se mudou com a mulher, a poeta Carmen Yáñez, em 1997) foi a tradução de O Velho Que Lia Romances de Amor (1988) para o francês, em 1992.

O velho era Antonio José Bolívar Proaño, um homem que, na tribo amazónica dos shuar, ocupava as noites solitárias que lhe restavam até que se acabasse a vida lendo os romances que lhe levava, duas vezes ao ano, o dentista, Rubicundo Loachamín. «Desde que foi publicado que começou a ser lido de forma frenética».

Foi nesse país que, recordava ainda o amigo Santiago Gamboa, teve início o seu «impressionante êxito». «Quando a editora Anne Marie Métailie, dona das Editions Métailie, decidiu apostar no romance de um chileno desconhecido que havia ganhado em Espanha o prémio Tigre Juan».

Seguiram-se Itália, em 1993, logo depois Portugal, onde começou a ser editado por Manuel Valente, das Edições Asa, e depois o resto da Europa, e mais: aos 70 anos Luis Sepúlveda chegou com os seus livros traduzidos, segundo a Porto Editora, que atualmente publica a sua obra, para mais 60 idiomas e mais de 18 milhões de exemplares vendidos por todo o mundo. O que de bom lhe trouxe essa explosão no continente europeu, faz questão de notar Santiago Gamboa, depressa se dedicou a repartir com colegas e amigos.

Em Gijón, onde passou as últimas décadas, fundou e dirigiu o Salão do Livro Ibero-americano como forma de promover o encontro de escritores, editores e livreiros latino-americanos com os homólogos europeus. Em Portugal, onde está publicada a totalidade da sua obra, foi distinguido em 2016 com o Prémio Eduardo Lourenço. Era presença assídua em cada edição da Feira do Livro de Lisboa. Em 2017, o ano em que concedeu aquela que foi a sua última entrevista ao SOL, tinha publicado O Fim da História. Esta semana, fechou-se a sua. Ficam todas as que deixou.



Foto: Flickr / Paolo Benegiamo
[Fora do Ecrã](#)

A despedida a Luis Sepúlveda: Hasta siempre, Lucho!

Esta história não teve o melhor final para o escritor, mas certamente terá um final belo como as suas obras no que toca a todos nós. (...) Um obrigado será sempre pouco.

Comunidade Cultura e Arte · 16 Abril, 2020
Artigo da autoria de [José Malta](#)

É sempre difícil quando um escritor de quem gostamos bastante nos deixa. Parece que, por momentos, ficamos amarrados ao modo como a sua obra nos marcou e influenciou enquanto leitores, e aos bons momentos que passámos com os seus livros. É provável que, para além das aventuras das suas histórias, tenhamos também tido aventuras ao ler as mesmas. Cada livro com uma aventura pode passar a ser também uma aventura nossa no nosso leque literário. A partida de um escritor que nos influencia de tal modo e que consegue ser uma pessoa também ela afável, como as suas obras também o são, torna-se num momento particularmente intenso. Com a [triste notícia da partida de Luis Sepúlveda](#), um escritor que, embora de nacionalidade chilena, **tinha ligação tão forte a Portugal** e aos portugueses, que parece que o adeus se torna mais difícil e essa intensidade mais duradoura do que o normal.

Luis Sepúlveda teve um grande impacto na minha vida enquanto leitor. Para além da sua história de vida, nomeadamente o facto de ter sido preso após o golpe de Augusto Pinochet contra Salvador Allende em 1973, e de ter vivido em diversos países do mundo, sempre fiel aos seus ideais políticos e humanísticos, conseguiu ter uma influência muito maior do que todo esse seu currículo de lutas e de aventuras. Foi com ele que fiz a transição da literatura juvenil, que lia na altura, para uma literatura mais madura. O facto de ser orgulhosamente chileno,

abriu-me a porta para explorar outros autores sul americanos como Gabriel García Márquez, Pablo Neruda ou Eduardo Galeano, que continuo a explorar ainda hoje. Através das suas **obras pequenas mas com um conteúdo gigante**, sempre com um lado doce e bastante pertinente, foi com Luis Sepúlveda que consegui partir para um mundo onde encontraria outros tantos gigantes literários.

Quando a Amazónia esteve, no ano passado, a ser alvo de incêndios nunca antes vistos, muitos deveriam ter começado por ler a sua obra mais célebre, *O Velho Que Lia Romances de Amor*. Para além de decorrer na Amazónia e contar a história de um velho, António José Bolívar Proaño de seu nome, que vai parar à floresta onde defende os indígenas das falsas acusações que lhes são feitas, a obra é dedicada a Chico Mendes, protetor da floresta e defensor das populações indígenas, que fora barbaramente assassinado por um fazendeiro. Esta terá sido a obra que eternizou Luis Sepúlveda no universo literário, mas não fica por aqui.

Poderíamos acrescentar ainda a *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*, de carácter mais juvenil, mas também ela deliciosa, que fala da aventura do gato Zorbas que toma conta de um ovo de uma gaivota atingida pelo crude derramado em alto mar, sendo também uma obra que sensibiliza as questões ambientais. E a estas poderíamos juntar as suas crónicas e as suas aventuras deliciosas que encontramos em *Patagónia Express* ou *Uma História Suja*, e ainda outras histórias de bandidos com algum sarcasmo e humor por detrás, como *Nome de Toureiro* ou *Diário de um Killer Sentimental*. Poder-se-ia adicionar ainda outras tantas obras suas como *As Rosas de Atacama*, *Encontro de Amor num País em Guerra*, *A Lâmpada de Aladino*, todas elas sempre fiéis ao seu estilo enquanto escritor.

Hoje lembro-me das lágrimas, das gargalhadas e da ânsia de chegar a hora de deitar para ler mais umas páginas de um livro do Luis Sepúlveda que tinha sempre à mesa de cabeceira. Lembro-me do que era andar com um livro do Luís Sepúlveda quando nenhum dos meus colegas de turma sabia da sua existência, mas que passaram a saber e a gostar também. Lembro-me também dos energúmenos que o acusaram de ter sido o grande responsável pela entrada da Covid-19 em Portugal, quando o escritor esteve no Correntes d'Escritas, na Póvoa de Varzim, em Fevereiro deste ano. Hoje toda a gente já sabe que o Correntes d'Escritas afinal existe, assim como já sabem que o Luis Sepúlveda é um escritor que continuará a ser lido apesar da sua partida. Hoje todos fazem *posts* com R.I.P., mesmo aqueles que nunca leram nada do Luis Sepúlveda, nem sabiam da sua existência não fosse a atual pandemia.

Hoje apetece-me ganhar asas, como as asas da gaivota Ditosa, e partir para bem longe de toda uma hipocrisia quando estamos perante uma crise humanitária que há muito não se via. Porém, tal como António José Bolívar Proaño enfrentou com calma e também com uma enorme coragem a onça responsável pelos ataques vingativos na sua aventura na Amazónia, há que enfrentar os nossos medos sempre que eles surgem. Neste momento há também no mundo uma onça à solta e nem todos podemos enfrentá-la de qualquer maneira. Luis Sepúlveda foi uma das vítimas que enfrentou sem medos, até ao último momento, essa mesma onça, apesar de ter sido infelizmente vencido. Esta história não teve o melhor final para o escritor, mas certamente terá um final belo como as suas obras no que toca a todos nós. Por isto, e por muito mais, **um obrigado será sempre pouco** para agradecer os bons momentos que passámos ao ler as obras e as aventuras de Luis Sepúlveda.

Hasta siempre, Lucho!

Luis Sepúlveda: “Todos os silêncios são cúmplices e têm uma quota parte de responsabilidade”

LUÍS RICARDO DUARTE / JL



O escritor e ativista chileno Luis Sepúlveda (Getty)

A última entrevista de Luis Sepúlveda, concedida nas Correntes d'Escritas, que mostra o homem e escritor de causas que sempre foi

É mais conhecido pelo romance *O Velho que Lia Romances de Amor*, mas também o poderíamos apresentar como o escritor que nunca se cansa de denunciar. Ao longo da sua vida, com 70 anos cumpridos em 2019, e do seu percurso literário, cheio de sucesso e leitores, Luis Sepúlveda tem chamado a atenção para crimes, atrocidades e violações que acontecem um pouco por todo o mundo, a começar pela sua América do Sul. Na última edição das Correntes d'Escritas, o escritor chileno voltou a apontar o dedo, agora aos órgãos de comunicação social europeus que têm silenciado a morte de inúmeros ativistas ambientais. Contra o pessimismo do presente, Sepúlveda contrapõe a “imaginação”.

JL: Chamou-lhe a notícia mais terrivelmente silenciada...

Luís Sepúlveda: E é. O número de ecologistas, ambientalistas e responsáveis de parques naturais e reservas indígenas assassinados tem vindo a aumentar nos últimos tempos. Os meios de comunicação social europeus não sabem ou preferem não falar sobre o assunto. Por vezes há uma ou outra referência, mas sem o nome dos envolvidos. Tudo faz parte de uma política repressiva levada a cabo por alguns governos latino-americanos, sobretudo os do Brasil e da Colômbia. Estamos perante uma nova forma de fascismo, com um ator novo: algumas igrejas evangélicas provenientes dos EUA. As suas visões do mundo são completamente loucas, às vezes lembram os talibãs do Afeganistão.

É um silêncio cúmplice e criminoso?

Absolutamente. Todos os silêncios são cúmplices e têm uma quota parte de responsabilidade. Para compreendê-lo basta lembrar quem são os proprietários dos meios de comunicação social: acionistas dos grandes bancos, donos de multinacionais, latifundiários. Como não há resposta política forte, tudo fica encoberto. São mortes terríveis, mas é como se nada se passasse.

Ao correr dos seus livros denunciou muitas situações destas. A História está a repetir-se?

A história tem, de facto, uma dimensão cíclica. Os avanços são importantes, mas os regressos manifestam-se terrivelmente. Há cinco anos ninguém acharia possível que os livros voltassem a ser proibidos num país ocidental. E, no entanto, isso está a acontecer, por exemplo no Brasil. Obras que fazem parte do património da humanidade estão a ser afastadas dos leitores. E lembrem-se: da proibição dos livros à proibição das pessoas é um passo muito pequeno.

Antes da Primeira Guerra Mundial um jornal dizia que as pessoas estavam entediadas, alertando para o perigo que daí podia advir. O que está a acontecer hoje às pessoas para permitirem isto tudo? Estão distraídas?

Oxalá seja só isso, distração. Temo que seja algo mais. A evolução do capitalismo levou-nos a um extremo do neoliberalismo. Com ele veio a cultura da precariedade que atirou as pessoas para uma espécie de fatalismo. Ninguém acha que as coisas vão melhorar, antes pelo contrário. O sentido é que tudo vai ficar ainda pior. É terrível. Não se concebem soluções, só desgraças. Daí o discurso contra os políticos, a base de qualquer populismo.

Que papel podem ter os livros neste contexto?

Um papel importantíssimos, porque eles ajudam-nos a desenvolver a imaginação. Com ela somos capazes de ver além do dia-a-dia, do aqui e do agora. Só com imaginação é possível pensar um futuro diferente e tentar concretizá-lo.